

---

## O jornalista multitarefas nas redações multimídias<sup>1</sup>

Taynara da Silva NASCIMENTO<sup>2</sup>

Mirella BRAVO<sup>3</sup>

Centro Universitário Faesa, Vitória, ES.

### RESUMO

O presente artigo resulta em um estudo que identificou e descreveu um novo perfil profissional de jornalista dentro da redação multimídia. A pesquisa desenvolveu um artigo para apresentar à sociedade as qualidades e os desafios do jornalista multitarefas e baseou-se na descrição da função de dois jornalistas contratados como repórteres multimídia da Rede Gazeta, única empresa que especificou, formalmente, essa função no Espírito Santo. Além disso, contou parte das transformações na área profissional que, atualmente, tem a tecnologia como principal ferramenta. A pesquisa estudou o profissional que exerce várias funções como: pauteiro, editor, fotógrafo, cinegrafista, repórter e produtor, que até pouco tempo competiam a profissionais distintos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cibercultura; Jornalismo Multimídia; Jornalismo Multitarefa.

### INTRODUÇÃO

O trabalho do jornalista multitarefas na redação multimídia e integrada é conhecido como jornalista multimídia. A função, hoje registrada em redações de jornais, cobra que o profissional exerça diversas funções para produzir um conteúdo noticioso de qualidade para diferentes plataformas e mídias.

O tema estudou os impactos da tecnologia e os avanços da internet na sociedade, neste caso específico, na profissão do jornalista. Tendo como base verdadeiros exemplos de mercado, a pesquisa agregou um maior conhecimento sobre as questões levantadas. Teve como objetivo geral, a produção de um artigo para relatar o dia a dia do jornalista multitarefa, descrevendo como se dá a notícia por esses novos profissionais.

A pesquisadora acompanhou dois jornalistas da Grande Vitória e descreveu o cotidiano deles. Além disso, estudou o impacto da tecnologia na vida em sociedade, especialmente no exercício da profissão do jornalista, e identificou o exercício do jornalista multitarefas na redação multimídia e integrada da Rede Gazeta. Por fim, mensurou e posicionou os resultados dentro da história do jornalismo.

O jornalista multitarefas é o profissional que exerce várias funções como: pauteiro, editor, fotógrafo, cinegrafista, repórter e produtor, que até pouco tempo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT/IJ01 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Jornalismo da Faesa, e-mail: [taynaraicm.sn@gmail.com](mailto:taynaraicm.sn@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora orientadora, Mestre em Comunicação - Professora das Faculdades Integradas São Pedro - FAESA e-mail: [mirellabradesouza@yahoo.com.br](mailto:mirellabradesouza@yahoo.com.br)

---

competiam a profissionais distintos. Além do acúmulo de funções formando um novo perfil profissional, o Jornalista agora precisa lidar com a produção de notícia na cibercultura, que pode ser entendida como a produção de conhecimento no ciberespaço.

## **INTERNET**

Atualmente, a internet não tem a mesma função de quando foi criada, agora ela ocupa um papel na sociedade. Alguns autores ainda afirmam que ela está sendo protagonista criando um mundo conectado com outros mundos ideológicos. Com isso, a internet e os avanços da tecnologia são cada vez mais necessários no dia a dia de diversas profissões.

### **História da Rede Mundial de Computação**

A comunicação sempre foi uma necessidade básica para os seres humanos, seja por imagem, gestos, textos ou fala. A necessidade de uma mensagem transitar entre um emissor e um receptor foi a base para muitos avanços culturais, sociais e também tecnológicos. Antes mesmo da criação dos computadores e da internet, cientistas já pensavam em formas de encurtar distâncias e melhorar a comunicação entre pessoas. Em 1956, o telégrafo, uma forma de comunicação por Código Morse transferida por cabos, realizou sua primeira conexão transatlântica entre a Escócia e o litoral do Canadá. Mas em questão de mobilidade, agilidade e comunicação eficaz; o telégrafo se tornou obsoleto.

Mais tarde, em meados dos anos 1958, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos começou a desenvolver a ARPA (*Advanced Research Projects Agency*) para mobilizar pesquisas do mundo militar e universitário. Em setembro de 1969, a ARPA cria a *Arpanet*, uma interconexão de rede, que permite a comunicação entre computadores, conforme explica Magrani (2018, p. 62). O autor ainda explica que no início, a *Arpanet* se estabeleceu em quatro Universidades Norte Americanas, os pontos de conexão foram estabelecidos para a realização de estudos relacionados ao Departamento de Defesa.

De acordo com Socorro, Coutinho e Alves (2001), o objetivo final da criação da internet não estava voltado apenas para o desenvolvimento de pesquisas exclusivas para a área acadêmica, mas também para a transferência das tecnologias desenvolvidas e testadas ao longo da execução dos projetos, para setor comercial.

O lançamento do primeiro satélite artificial chamado de *Sputnik*, em 1957, foi um dos principais impulsos para a criação da *Arpanet*, isso porque nesse período o mundo vivia a Guerra Fria entre os EUA e a União Soviética. Em 1971, a maioria dos pontos espalhados pelos EUA eram em Universidades. A próxima etapa foi promover a

comunicação da Arpanet com outras redes de computadores. Para Castells (2003, p. 14) essa etapa pode ser considerada como uma rede de redes. Segundo o autor, o processo começou a ser implantado nas redes de comunicação que a ARPA estava administrando.

A *Arpanet* não pode ser considerada a única fonte da internet que conhecemos hoje. A atual versão também é resultado de uma interconexão de computadores pessoais, no final da década de 1970, Castells (2003, p.15), explica que essas interconexões possibilitaram a comunicação de um para todos e todos para muitos.

No Brasil, a internet surgiu com o mesmo intuito pela qual foi criada: a educação. Em outubro de 1988, o avanço chegou através da fundação de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp. Em seguida, a Rede Nacional de Pesquisa (RNP) começou a trabalhar a rede de internet em território nacional também utilizando o protocolo TCP/IP. Com os avanços e a popularização da internet no Brasil, se inicia uma exploração comercial utilizando as linhas discadas. (SOCORRO; COUTINHO; ALVES. 2001, P. 4).

### **A Internet como Veículo de Comunicação**

O surgimento da internet só aconteceu, porque notáveis cientista perceberam que estavam entrando na era da informação, e para transitar e melhorar a troca de informação entre as redes, a internet passou a ser um dos principais instrumentos de comunicação (SOCORRO; COUTINHO; ALVES. 2001, P.15).

Castells (2003, p.15) ressalta a união de três processos independentes para a inauguração de uma nova estrutura social em rede: as exigências da economia, da produção e do comércio; a demanda da própria sociedade; e os avanços na computação e nas telecomunicações. Com isso, a internet é impulsionada para uma nova forma de sociedade e economia: a sociedade de rede. O autor denomina esse novo mundo como: a Galáxia da Internet.

Em 1980, a internet teve um crescimento exponencial, graças à oficialização dos protocolos e da comercialização dos primeiros computadores individuais, o *Arpanet 8800* e o *Apple I e II*. Socorro, Coutinho e Alves, (2001, p. 5) definem a internet como um “meio de comunicação efetiva entre pessoas e processos” como uma essência do que a interface realmente é, além disso, os autores também explicam que a palavra internet é uma expressão *internetworking*, ou seja, comunicação entre redes. “Uma maneira simples de visualizar a Internet é considerar uma nuvem com computadores conectados a ela”. (SOCORRO; COUTINHO; ALVES. 2001, p.5).

---

O uso da Internet como meio de comunicação cresceu nas duas últimas décadas. Em 1995, o primeiro ano de uso do *world wide web*, 16 milhões de usuários estavam conectados em redes de comunicação por computador. Em 2016, a Pesquisa Brasileira de Mídia (PMB), realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, mensurou os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Segundo a pesquisa, quase metade (49%) dos 15.050 entrevistados utilizam a internet para obter informações sobre o que acontece no Brasil.

### **Cibercultura**

Com o passar do tempo, o cenário da internet ficou mais amplo e necessário no dia a dia de todos. Conforme explica Rüdiger (2011, p.14), em meados dos anos 1990, a internet começou a se popularizar como plataforma de comunicação. A rede de computação criou um mundo para si só, o ciberespaço e desenvolvendo a cibercultura. Já a expressão cibercultura só foi trabalhada e citada no ano de 1964, inicialmente por Alice Hilton, engenheira e fundadora do Instituto de Pesquisas Ciberculturais, quando afirmou que a era cibernética seria muito importante para todos por ser uma novidade, e em seu ponto de vista também seria uma mudança significativa na cultura respaldada pelo uso de máquinas inteligentes.

Partindo deste raciocínio, Rüdiger (2011, p.14) afirma que a cibercultura é o resultado da fusão dos termos cultura e cibernética, e que à medida que a ideia vai se aplicando, a exploração mercadológica e pública da nova plataforma de comunicação vai se desenvolvendo.

Muitos associam cultura à formação escolar ou manifestações artísticas, mas para Santos (1994, p.14), cultura pode estar relacionada a dois fatores: “A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo”.

A tecnologia carrega consigo projetos, implicações sociais e culturais bastante variadas. Nos anos 1980, os computadores individuais promoveram a capacidade de agir e de comunicar das pessoas. Lévy (1999, p. 247) afirma que “a chave da cultura do futuro é o conceito de universal sem totalidade. Nesse raciocínio, o universal significa a presença virtual da humanidade para si mesma”.

Agora, lidando com os avanços culturais, a sociedade começa a desenvolver e criar um mundo propriamente conectado. Lévy (1999, p. 93) afirma que uma das principais funções do ciberespaço é “o acesso a distância aos diversos recursos de um

computador”. Neste sentido, uma estrutura segmentada com nichos e filtros passa a influenciar a produção e elaboração do tipo de comunicação que circula na rede. Lévy (1999, p. 17) define ciberespaço como "o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores", e para se adaptar a esta nova fase é preciso avançar no conceito de comunicação em rede.

As novas tendências e atualizações chegam para somar no mercado. Surge, então, o termo ciberespaço, conforme explica Lévy (1999, p. 92), o termo ciberespaço especifica uma infraestrutura da comunicação digital, “mas também o universo oceânico de informação que ela abriga”. O autor também explica que a palavra "ciberespaço" foi criada em 1984 por William Gibson no livro *Neuromancer*. Esse termo foi usado para descrever um universo de redes digitais, que também foi palco de conflitos mundiais.

Lévy (1999, p. 92), afirma que no livro de Gibson a utilização do “ciberespaço coloca em destaque ilhas banhadas por dados que mudam e são trocados em grande velocidade ao redor do mundo”. O ciberespaço de possibilita a geografia móvel da informação, normalmente invisível. “O termo foi imediatamente utilizado pelos usuários e criadores de redes digitais. Existe hoje no mundo uma profusão de correntes literárias, musicais, artísticas e talvez até políticas que se dizem parte da cibercultura”.

Para Prado (2011, p. 6), “O ciberespaço gerou a cibercultura, pois trata-se de um espaço de informação, de prática, de interações e de processos gerados de uma cultura específica. As comunidades virtuais ganham força nas redes sociais com inteligência coletiva”. Com o crescimento da digitalização e da internet, a capacidade de compartilhar, produzir e interagir com os conteúdos trouxe avanços ao mundo virtual.

Discute-se, aqui, especificamente para área do jornalismo, como funciona a produção de notícia nesta era digital. Fala-se do comportamento das corporações jornalísticas, nota-se no mercado, mas especificamente no mercado do capixaba, que as empresas estão se adaptando à “Comunicação em Rede”. Jornalistas estão saindo para ruas com kit com celulares e estratégias para transmitir a notícia para diferentes veículos.

Com os avanços tecnológicos, as novas tendências e atualizações chegam para somar no mercado. Surge então o termo ciberespaço, conforme explica Lévy (1999, p. 17) “O maquinismo se alterou nos últimos anos em aparelhos móveis que estão, mais e mais, no dia a dia das pessoas, profissionais de todas áreas estão passando ou vão passar por mudanças repentinas”. Discute-se aqui, portanto, especificamente para área do jornalismo, como funciona a produção de notícia nesta nova era digital.

---

## JORNALISMO

Os avanços tecnológicos foram essenciais para evolução da comunicação e, conseqüentemente, para o nascimento do jornalismo. Este capítulo conta parte das transformações do jornalismo que atualmente está em constante mudança, uma vez que tem a internet como principal ferramenta. Para Beltrão (2006, p 30), o “jornalismo é informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimento e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum”.

### **História do Jornalismo**

A comunicação pode ser considerada um processo de necessidade básica, ela molda e possibilita a vida em sociedade. Pode produzir e vender informação, mesmo sendo imaterial, e, para isso, é preciso de um emissor, uma mensagem e um receptor. A comunicação esteve presente desde a pré-história. As pinturas rupestres nas cavernas já registravam os acontecimentos da época. Mas a descrição da imagem era passada apenas pela oralidade e se perdiam ou se alteravam com o passar do tempo.

No século XIII, os europeus puderam fabricar o papel, que na época era artigo de luxo, logo depois deram início a um tipo de impressão chamada de xilografia, uma impressão utilizando uma matriz escavada na madeira. Contudo, Gontijo (2004, p. 48) ressalta que os primeiros livros feitos com xilografia foram fabricados no século XV.

De acordo com Gontijo (2004), em meados do século XV, Johannes Gutenberg, se torna o precursor da impressão, e cria uma espécie de “impressora”, uma prensa com letras flexíveis de ferro que eram posicionadas manualmente formando frases, adicionando páginas, vírgulas e pontos. Com as letras posicionadas, a prensa era pintada com tinta e pressionava o papel como um carimbo.

A prensa se popularizou e deu lugar ao nascimento dos primeiros jornais. Segundo Gontijo (2004, p. 181), o jornalismo surgiu em meados do século de XVII, juntamente com as primeiras impressões noticiosas. No início, cada impressão tinha um gênero como: gazetas, com teor informativo com notícias importantes da sociedade, os pasquins, que eram folhetos com notícias do estilo sátiras, crimes e até calúnias e por fim os libelos, que traziam notícias opinativas.

Mais tarde, na Europa, os primeiros jornais começaram a surgir. As publicações davam espaço a assuntos literários e culturais, mas logo foram abrindo lugar para notícias sobre questões de interesse social e político. Logo, os jornais começaram a se tornar

espaço de debate da sociedade. Segundo Sodré (1999, p. 200), o jornalismo só chegou ao Brasil junto com a corte portuguesa, em 1808, com a criação da Gazeta do Rio de Janeiro e do Correio Braziliense.

No Brasil, a história da imprensa com a chegada da família Real no País, quando a Coroa proíbe que qualquer coisa fosse impresso em solo brasileiro. Nasce então a imprensa brasileira como repressão. Entre os anos de 1821 e 1822, D. João VI regula a liberdade de imprensa. Segundo Martinuzzo (2008, p. 15) “70 anos depois que a imprensa já estava instalada no Brasil, coincidindo com a mudança da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro. É em 1808 que é impresso o primeiro jornal no Brasil, o Gazeta do Rio de Janeiro, e o Correio Braziliense, impresso em Londres”.

### **Rede Gazeta**

Em 1840, os primeiros jornais impressos foram catalogados no Espírito Santo. Segundo Martinuzzo (2008, p. 15), a história da Rede Gazeta no Estado começa em 1928 com o nascimento do jornal impresso A Gazeta. O primeiro jornal se resumiu a anúncios imobiliários. Hoje, é um jornal consolidado em várias editorias e seguimentos e tem um público elitista de classes A e B. Ultimamente, o jornal vem tentando se manter no mercado e se adaptar às mudanças no mundo do jornalismo ocasionadas pela tecnologia.

Para alcançar as classes populares, em 2000, a Rede Gazeta criou O Jornal impresso Notícia Agora. Na época custando apenas trinta centavos, o principal intuito do jornal era trabalhar como uma opção ao jornal A Gazeta. Inicialmente o jornal ganhou grande popularidade, em parte, graças aos brindes e sorteios promovidos. Segundo Martinuzzo (2008, p. 42), “Entre 2002 e 2004, entretanto, o Notícia Agora passou por uma crise de vendagem, superada somente com a volta das promoções e a ênfase nas notícias locais, focadas em serviços e cotidiano”.

### **JORNALISTA MULTAREFAS**

Nos últimos anos, pudemos acompanhar a evolução da internet e da comunicação no ciberespaço, todas essas mudanças são definitivas para mudar o cenário de diversas profissões. No jornalismo, a maneira de pensar agir e noticiar mudou completamente, hoje, podemos dizer que só é possível fazer jornalismo com a tecnologia respaldada pela internet como veículo facilitador de comunicação.

O novo profissional no mundo do jornalismo exerce diversas tarefas graças à tecnologia e ao novo modelo de negócio das grandes empresas jornalísticas. Bertolini (2017, p. 214), enfatiza que, para superar a crise no setor, as empresas jornalísticas estão



invadindo setores como o da música, do cinema e do entretenimento. O autor ainda reforça que a exigência do mercado em querer fazer muito com o pouco que tem resulta em funcionários com excesso de trabalho e uma população insatisfeita, uma vez que precisa consumir informação de qualidade.

Canavilhas; Rodrigues (2017, p.41) afirmam que existem dois caminhos para as empresas que estão trabalhando com jornalismo de mobilidade. A primeira seria a produção noticiosa por meio do conteúdo pensado e desenvolvido especialmente para dispositivos móveis. A segunda opção seria a convergência noticiosa, adaptando para o mobile os conteúdos produzidos para outras plataformas.

Dentro desta perspectiva, o jornalismo em mobilidade caminha para um futuro em que os dispositivos móveis serão pensados em primeiro lugar pela empresa midiática, favorecendo a estratégia *mobile first*, própria da experiência móvel da atualidade. (CANAVILHAS; RODRIGUES, 2017).

Para Prado (2011, p. 3), no século XXI o profissional bem-sucedido é aquele que é multimídia e multitarefeiro. “A nova geração sabe manusear várias mídias ao mesmo tempo. É jornalista-radialista digitalizado, cinegrafista e fotógrafo”. A autora ainda reconhece a necessidade de o jornalista saber escrever muito bem, mas ressalta que o mercado está levando muito mais em consideração na hora de avaliar ou contratar um profissional, exigindo um jornalista que saiba editar, fotografar, filmar, fazer locução, gerar páginas na internet e até mesmo nas redes sociais.

É preciso considerar que o público não consome notícia da mesma forma que consumia antigamente. Prado (2011, p. 4) pondera que “Os jovens, principalmente, assistem TV e tuitam concomitantemente, no sentido de mostrar opinião, alargar informação ou apenas reagir ao que estão assistindo, marcando presença no dia a dia”.

A Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, mensurou os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Além de outros dados, o levantamento também apresenta informações das atividades realizadas pelos entrevistados enquanto eles acessam a internet. “19% declararam assistir TV; 15% disseram usar o celular, 9% afirmaram ouvir rádio e 2% responderam ler livro, jornal ou revista”.

Basicamente, com essa ideia de conquistar o público que está em mais de um veículo ao mesmo tempo, o jornalista precisa ir além e chamar o público para uma sequência de informações que precisam seguir ou não uma ordem lógica na mídia. Gibson (2013, p. 48) define a narrativa transmídia como um novo método que surgiu em resposta



à convergência. A narrativa transmídia cria um novo mundo e exige que os consumidores busquem sequência da narrativa em diferentes plataformas.

Diariamente, o jornalista trabalha com pautas frias que possibilitam um planejamento com uma certa antecedência e pautas quentes que são em grande maioria assuntos factuais e que precisam chegar de forma rápida ao público. Cada empresa prioriza um veículo de comunicação para ser uma espécie de nave mãe da informação e deposita suas energias nela. Em seguida, se inicia uma corrida pela audiência e fidelização do público em outras plataformas. Nessa etapa, o profissional precisa ter agilidade para manter a qualidade.

Se há algo que não muda no jornalismo, onde quer que ele esteja, é o compromisso de informar a verdade apurando bem os fatos. De acordo com Prado (2011, p. 157) falhas vão acontecer, mas não podem ser justificadas pela pressa. No ciberespaço é possível encontrar diversos autores, mas o jornalista precisa diferenciar autor de autoria.

Lidar com o acúmulo de funções pode significar perda da credibilidade. Para Magrani (2018, p. 25), “Essa ainda é uma cultura relativamente recente e implica considerações éticas importantes, tendo em vista os impactos cada vez maiores da comunicação algorítmica na sociedade”.

## **METODOLOGIA DE PESQUISA**

Para alcançar os objetivos já estabelecidos, foram utilizados como norte do planejamento até então traçado, métodos científicos de pesquisa. Neste caso, pelo método de pesquisa bibliográfica, descritiva, explicativa, documental e exploratória.

No desenvolvimento deste projeto, foram escolhidos como principais objetos de estudo os jornalistas Sullivan Silva e Kaique Dias, contratados como jornalistas multimídia da Rede Gazeta. A escolha foi motivada não apenas por já estarem atuando na nova modalidade do jornalismo, mas também porque são dois jornalistas recém-formados e que já ingressaram no mercado de trabalho com todas as mudanças do jornalismo pós-moderno.

Para tal, buscou-se compreender o atual cenário da sociedade, entender os avanços tecnológicos e as novas exigências do mercado corporativo, ressaltando a importância da autorrealização profissional com todas estas mudanças. A partir da observação feita pela autora sobre o mercado jornalístico, introduziu-se o desenvolvimento do método exploratório, o qual é definido por Gil (2002, p.41). Pode-se dizer que têm como intuito principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é,

portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

O contato com os jornalistas resultou em entrevistas que podem ser divididas em três tipos: aberta, semiaberta e fechada. No caso desta metodologia de pesquisa, foi utilizado o tipo de entrevista semiaberta, porque permitiu um diálogo menos rígido e mais amplo, possibilitando a coleta do maior número de informações, como ressaltam Duarte e Barros (2006, p.66):

Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle. As questões, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas, das circunstâncias da entrevista.

Juntamente com as entrevistas, foi utilizado o método de pesquisa descritiva para embarcar no dia a dia do objeto estudado ao longo da jornada, da pesquisa em si. De acordo com Gil (2008, P. 28), a pesquisa descritiva evidencia as características de determinado grupo ou acontecimento, no caso desta pesquisa o jornalismo utilitário. Por meio desse método, o pesquisador pode estipular conexões entre circunstâncias e determinar sua natureza. O autor ainda esclarece que uma das principais características dessa pesquisa é a utilização de técnicas padronizadas para coleta de dados.

Para chegar às conclusões sobre o novo perfil do jornalista nas redações multimídias, o método de pesquisa descritiva tornou-se o principal instrumento para estudar o caso exposto. A pesquisa descritiva exige do pesquisador uma grande quantidade de informação sobre o tema que escolheu. Esse tipo de pesquisa pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS 1987, p.112).

Em paralelo, a pesquisa documental foi desenvolvida no levantamento de imagens, livros, periódicos e vídeos para contextualizar o jornalismo desde do seu surgimento até os dias de hoje. A execução desse método é estudada por Gil (2002, p.46), segundo o autor, “O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. [...] na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas”.

O ponto de partida que permeou a produção deste trabalho foi justamente a falta de materiais bibliográficos sobre o tema. Mas o contexto histórico, cultural e tecnológico do jornalismo norteou os parâmetros do mesmo. Para entender melhor os pensamentos e os valores que se desenvolvem juntamente sobre o tema. Estabeleceu-se também uma pesquisa bibliográfica, como salienta Gil (2002, p.44):

---

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Para esclarecer as informações e os dados levantados utiliza-se também do método de pesquisa explicativa citada por Gil (2002 p,42) “Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”.

Com isso, o pesquisador pretende atingir os objetivos estabelecidos, utilizando os métodos de pesquisa aqui apresentados.

### **DESCRIÇÃO DA ROTINA DOS JORNALISTAS MULTIMÍDIAS**

Este capítulo contém o resultado do trabalho de campo com a descrição da rotina dos dois jornalistas contratados como multimídia pela Rede Gazeta, Kaique Dias e Sullivan Silva. A pesquisa de campo mostra que, atualmente, a convergência de conteúdo e a necessidade de atender ao público com um produto cada vez mais transmídia tem reforçado a necessidade de uma nova função na área, que é foco desta pesquisa e passa a ser apresentada a partir de agora.

Kaique Dias é formado em técnico de rádio e TV e em jornalismo. Explica que atualmente exerce diversas funções: como repórter, cinegrafista, fotógrafo e pauteiro. “Eu faço de tudo. Sou repórter multimídia que eles falam, né? Eu faço meu material para o Gazeta Online, mas acaba que ele vai para todos os veículos”. O repórter ressalta que esse processo de aproveitamento do material em outros veículos não é obrigatório, mas acontece naturalmente devido à forma de integração da própria redação.

Para execução das funções no dia a dia, os repórteres utilizam um material portátil chamado Osmo<sup>4</sup>, conforme explica o repórter Kaique Dias. “Tem o Osmo Plus que é o Osmo maior e com mais funções. Ele tem uma câmera própria e o celular só é usado para monitorar essa imagem que é transmitida para o mobile via WI-FI. Aí você vê o que você está fazendo. Digamos que é a TV da Câmera”.

O conceito de jornalista multitarefas é definido pelo jornalista multimídia, Kaique Dias, em entrevista, como o profissional que exerce várias atividades para produzir um único conteúdo que tem como foco a divulgação em uma só plataforma, mas que pode

---

<sup>4</sup> É um equipamento produzido pela marca chinesa DJI. Em entrevista, Kaique Dias afirma que o equipamento é uma câmera portátil que pode funcionar com um celular acoplado e como uma *stade cam*, um estabilizador para câmeras.

ser desdobrado para várias mídias a partir de um mesmo material. O colega de trabalho e também jornalista multimídia, Sullivan Silva, completa o conceito definindo a função como um profissional que precisa ter domínio no que faz.

Jornalista multimídia é você ter o domínio de filmar, de fotografar e ter domínio de texto. Você não pode perder domínio de texto de jeito nenhum. Você não pode perder o domínio de entrevista, você tem que fazer perguntas pertinentes. Você tem que ser jornalista”.<sup>5</sup>

Segundo os entrevistados, a função de multitarefas é exercida por vários jornalistas, mas tem um foco com profissionais dentro das redações multimídia. Sullivan conceitua o termo redação multimídia como a possibilidade de produção para vários veículos. “Redação multimídia para mim é conseguir fazer a matéria multiplataforma para o rádio, TV, online e para o jornal impresso”.

Na entrevista, o jornalista Kaique Dias, relata as funções que exerce diariamente. O expediente pela manhã, e enquanto espera a chegada do editor com a pauta, o jornalista olha jornais e redes sociais vê se tem alguma possibilidade de pauta. “Basicamente, eu chego, espero o editor me pautar e me organizar para ver o que eu vou fazer no dia, aí eu saio para fazer a pauta”. O repórter exemplifica a rotina utilizando o exemplo da pauta que apurou, produziu e executou no mesmo dia da entrevista.

Hoje, por exemplo, eu fui fazer uma matéria sobre buracos em Vitória. Então eu saí, fui fazer essa matéria e fiquei apurando umas duas horas, mais ou menos. Ouvindo as pessoas, fazendo imagens de buraco com vídeo, gravando com as pessoas em vídeo, gravando passagem e tudo isso. E depois voltei para redação escrevi e fiz o texto. Já está pronto só não vai sair hoje. Falta editar o vídeo, as pessoas vão editar. Esse vídeo é para o online. A TV vai pegar o mesmo material e editar de forma diferente para TV, de acordo com a edição deles.

Na redação, prioriza a produção de conteúdo para o online e corre contra o tempo para garantir o imediatismo quando a pauta é factual. Ao analisar a forma de produção do jornalista multimídia, observa-se que o exercício do jornalista multitarefa não é algo tão impossível de ser realizado, mas o próprio jornalista Kaique Dias questiona a qualidade do material que ele produz, uma vez que desenvolve várias tarefas, mas com a mesma carga horária. Quando perguntado se as diversas funções atrapalham a qualidade do produto final. O jornalista afirma que:

Às vezes, um pouco depende da situação, se você não tiver tempo para fazer tudo igual, você não vai fazer tudo numa qualidade boa, porque às vezes vai faltar uma imagem, não vai ter uma foto legal, passagem às vezes vai ficar com aquela cara gigante no meio da tela. A não ser que você tenha as técnicas que dá para ajudar, que são: afastar bastante

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida à autora por WhatsApp no dia 24 de outubro de 2018.

---

para você não ficar com a cara chapada na câmera e ao mesmo tempo que você for entrevistar a pessoa também não ficar com a câmera em cima do rosto dela.

Uma curiosidade sobre a rotina de trabalho do Kaique Dias é o fato de o jornalista não ter o costume de anotar ou fazer rascunhos no papel. “Normalmente pego folhas de Chamex e deixo dobradas no bolso, não costumo escrever sempre no celular. O resto eu vou registrando no vídeo mesmo, se fizer uma conversa separada com a fonte, anoto no celular ou gravo em áudio”

Em complemento ao tema, o jornalista multimídia da Rede Gazeta, Sullivan Dias, explica que também exerce diversas funções diariamente, mas geralmente tem um tempo de produção maior porque trabalha mais com pautas especiais:

Toda segunda-feira, eu e minha editora conversamos sobre as pautas, as que eu já estou realizando e os possíveis assuntos para serem pautados. Definido o tema da matéria, eu começo a procurar os personagens, eu sempre tenho que procurar os personagens e é muito difícil pegar uma pauta e produzir ela. Depois das entrevistas com a maioria dos personagens, eu faço a entrevista com algum especialista, e começo já a escrever.<sup>6</sup>

Os profissionais também foram questionados sobre as profissões que foram extintas com o exercício da nova função. Kaique Dias, comenta que o redator já não existe há anos nas redações. Além disso, relata que fotógrafos e cinegrafistas são importantes para produzir um material de qualidade, mas atualmente, o público não está exigindo muito além do material produzido pelos repórteres multimídias. Já Sullivan Silva, explica que a redação vem reduzindo o número de funcionários dentro das equipes e que todos podem fazer fotos e vídeos. “Quase todos os jornalistas fazem produto multimídia. Eu considero que houve uma extinção sim, mas não de uma função específica, mas por exemplo, com essa história de multimídia o número de fotógrafos reduziu bastante”.

Ao falar sobre o tempo de produção, Kaique explica que já aconteceu de sair com uma pauta para produzir para um veículo além do Gazeta Online e não conseguiu entregar. “Às vezes acontece. Às vezes não rende imagem e eu não consigo entregar para mais de um veículo. Para Rádio sempre dá para entregar, mas para TV nem sempre fica bom, porque precisa de imagem boa para mostrar o que realmente importa”. O repórter ainda comenta que quando o material é para a rádio, ele mesmo consegue fazer os cortes. “Para rádio, eu corto as sonoras de áudio, pego áudio que eu gravei no Osmo, que é o equipamento que eu utilizo, e corto de acordo com o que vai direto para o ar”.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida à autora por WhatsApp no dia 24 de outubro de 2018.

---

Com o enquadramento dado sobre a função por Kaique Dias, vemos que o repórter coleta informações para fazer uma matéria para o jornal Gazeta Online, faz entradas para a TV, produz boletim radiofônico e muito mais. Quando se pergunta sobre convergência no âmbito jornalístico, aparecem algumas falas que, aos poucos, vão ficando semelhantes no vocabulário dos entrevistados. Entre elas está “multitarefa”. Kaique explica como exerce a função de cinegrafista e grava as matérias para a TV.

Há possibilidade de colocar um microfone sem fio. Aí eu ajeto a imagem, ou tiro o celular da câmera quando não é o mobile, porque o mobile é o próprio celular que grava. Então, não tem como eu ajetar e colocar a imagem lá. Com o Osmo não, eu posso trazer o celular e controlar a câmera pela mão. Nesse caso, é mais fácil, mas depende do tipo de pauta, porque isso requer tempo. Quando você está com tempo tudo vai bem, mas às vezes não dá para você ficar no meio de uma manifestação por exemplo. Que é mais fácil, até ajetar tripé.<sup>7</sup>

Durante as entrevistas, os repórteres afirmam que outros jornalistas da redação também exercem essa função, conforme explica Kaique. “Não acontece só comigo. O pessoal da CBN, por exemplo, que geralmente não precisa de imagem; quando eles estão lá na rua, as pessoas às vezes pedem: faz um vídeozinho para gente”.

Por fim, o repórter ainda ressalta que ser jornalista multitarefas não é exercer uma profissão difícil de ser executada. “Possível é, tanto que eu estou conseguindo fazer isso há 10 meses. Mas é bem corrido e puxado. Então sempre vai ter um trabalho de saber dosar tanto na produção, quanto na questão técnica. É possível, mas tem que ter esse pensamento”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível realizar a função do jornalista multitarefas? Será que há dez anos existia perspectiva para responder a essa pergunta? O jornalista Kaique Dias conclui uma das entrevistas, afirmando, que atualmente, é possível sim realizar a função, tanto que ele exerce as atividades há dez meses, é claro e com limitações comuns, que também existem em outras funções ou profissões. A questão é que as noções de mundo mudaram e há dez anos, talvez, não se imaginava que um profissional executaria tantas funções ao mesmo tempo na área do jornalismo.

O interesse pelo tema e a falta de material de estudo na área motivaram a criação e despertaram o desejo da elaboração do artigo. É preciso estar preparado para lidar com os avanços no mercado. Durante a pesquisa, conclui que o futuro é imprevisível. Mesmo

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida à autora na Rede Gazeta no dia 09 de outubro de 2018.

tudo caminhando com o desenvolvimento tecnológico, é possível identificar uma espécie de “fase de teste” que precisa ser melhor definida.

## REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Teoria e Prática do Jornalismo**. Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Edições Omnia, 2006.
- BERTOLINI, Jeferson. **Jornalista multimídia e multitarefa: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo**. Universidade Federal de Santa Catarina Graduação, 2016.
- BRASIL, Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2016.
- CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina. **Jornalismo Móvel: Linguagem, gêneros e modelos de negócio**, Covilhã: LabCom, 2017.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.
- GIBSON, William. **Cultura da convergência** [livro eletrônico] / Henry Jenkins; tradução Susana Alexandria. -- São Paulo: Aleph, 2013.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da Comunicação**. R.J: Ediouro, 2004.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- MAGRANI, Eduardo. **A internet das coisas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
- MARTINUZZO, José Antonio (org.). **Quase 200 – A imprensa na história capixaba**. Vitória: Imprensa Oficial, 2008.
- PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. São Paulo: LTC, 2011.
- RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre, RS: Sulina, 2011.
- SOCORRO, Maria; COUTINHO, Denise; ALVES, Nilton. **Internet Histórico, Evolução e Gestão**. 2001.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.